



DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR: vivências na Educação das Relações Étnico-raciais no terreiro de candomblé e escolas do bairro Ibura

Brivaldo Antonio de Souza Silva¹

RESUMO:

Este trabalho é fruto da disciplina “Metodologias, aprendizagens e a Educação das relações étnico-raciais”, do mestrado acadêmico do programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas que aconteceu de forma imersiva dentro de um terreiro de Candomblé. A imersão nos levou a um terreiro de candomblé para discutir temas como a decolonização e a Lei 10.639/2003 para juntos discutir metodologias para o ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas. A imersão também aconteceu em escolas do Bairro Ibura, em Recife, onde se pensou e se desenvolveu projetos para as escolas do local, que abordem temas que, na maioria das vezes, são colocados em segundo plano na educação.

Palavras-chaves: decolonização; metodologias ativas; aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo relata a vivência na disciplina de mestrado “Metodologias, aprendizagens e a Educação das relações étnico-raciais”, totalmente imersiva, que teve a maior parte de sua realização dentro de um terreiro de candomblé, o afoxé Omo Nilê Ogunjá. Fizemos oficinas de: cantos, músicas, percussão. As refeições foram coletivas, produzidas na cozinha do próprio terreiro e partilhadas conosco.

A disciplina objetivou uma imersão num espaço de lutas e de resistência da cultura africana, debatendo temas como a decolonização e a Lei

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – UFPE/CAA. brivaldo.souza@ufpe.br



10.639/ 2003 que trata do ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas, que ano passado completa duas décadas de sua promulgação, mas seus temas ainda são colocados em segundo plano pelas escolas.

Taxado por parte da sociedade e apontados como locais de rituais macabros, muitas das vezes por preconceito ou mesmo por falta de conhecimento, a experiência no terreiro de candomblé expõe uma versão totalmente diferente, que é de acolhimento, de um espaço rico em metodologias para a construção da aprendizagem.

Foi a partir dessa vivência que surgiu o seguinte questionamento para este artigo: Quais contribuições um terreiro de candomblé pode ofertar em conhecimento e bases metodológicas de aprendizagem para a formação de futuros mestres em educação?

A imersão aconteceu fora da sala de aula. A maior parte da disciplina aconteceu em um terreiro de candomblé, no Ibura, e também foi feita uma visita ao quilombo urbano, de Xambá, bem como a aplicação das metodologias ativas nas escolas do Ibura, que engloba: entrevistas com alunos, gincana na comunidade. Também fomos ao teatro para assistir ao espetáculo “Science Protagonistas: Movimento negro no picadeiro” e ao teatro de mamulengos. Conversamos com gestores e representantes de escolas do bairro. Ainda tivemos uma palestra com a astróloga Ângela Braine, atividades on-line, uso do e-mail e do *whatsapp*, produção de vídeos para apresentação, entre outras ações.

2. DECOLONIZAÇÃO, METODOLOGIAS E APRENDIZAGEM

O processo de formação de um indivíduo parte das relações metodológicas de aprendizagem entre professores e alunos, marcado por um processo histórico de relações de poder na construção do currículo, que em grande parte determina: como se ensina e como se aprende.

Entretanto, esse processo de dominação, a partir do currículo gera fissuras, abrindo espaços para a rebeldia do conhecimento, é como uma planta



que nasce em meio as rachaduras de uma pedra, que é improvável, mas resistente à condição de luta para decolonização do saber.

Esse processo torna-se evidente quando um terreiro de candomblé é utilizado como espaço de pesquisa, de conhecimento, espaço de discussão, espaço que antes só se podia imaginar na sala de aula de uma escola ou universidade, quebrando paradigmas instaurados, decolonizando a visão de uma sala de aula perfilada onde o professor e o centro do processo, e fora dela não há produção do saber.

Mas o que significa decolonização? É a ideia de confrontação de um ato predominante que desconstruiu a cultura e a história de um povo, de um país, em contraposição ao colonialismo. Trata-se de uma mudança de paradigma, de uma cultura de exclusão e de preconceito.

Para Traxler (2022), é necessário criticar as formas como a cultura dos países impõem as suas: tecnologias, línguas, culturas, conceitos e aos menos poderosos. Mais ainda, é necessário discutir o processo hegemônico impostos aos currículos e aos processos metodológicos escolares, quebrando práticas subversivas que alienam e influenciam uma relação de poder, ainda maior.

Segundo Traxler (2022), é impossível ignorar as várias maneiras pelas quais a colonização permeou o contexto mais amplo do ensino, da aprendizagem e da pesquisa nos contextos da academia e das instituições. Um dos exemplos práticos dessa realidade são os conhecimentos matemáticos, que em grande parte são originários do povo africano, mas tem seus créditos atrelados aos europeus.

Práticas subversivas que desconstruiu a imagem da cultura dos povos africanos a da sua relação com o saber. Inclusive, a associação da imagem dos brancos à civilização, e a dos negros e dos indígenas a povos não civilizados.



A ousadia de utilizar um terreiro de candomblé como proposta de imersão aos conhecimentos e metodologias para o ensino da história e da cultura afro-brasileira, mostra a realidade da exclusão das Instituições com as comunidades negras, instaurando discursos dogmáticos e culturais para justificar práticas de exclusão e de preconceito.

A constituição dogmática do povo brasileiro se deve a três principais fatores: a cultura cristã dos colonizadores, a demonização das religiões de matrizes africanas e a colonização dos povos originários. Um contexto superficial que demonstra a predominância do cristianismo no Brasil, inclusive nas suas instituições, apesar de ser constitucionalmente um país laico.

Amparado pela Lei 10.639/2003, a obrigatoriedade do ensino da cultura africana e da afro-brasileira, em sua maioria, se concentra na culminância e nas vivências de um único dia, a comemoração da consciência negra. A obrigatoriedade que se caracterizou nas escolas como uma abordagem individualizada é predestinada a professores(as) negros(as) em disciplinas específicas, esquece dos atores escolares negros, que ao buscar conhecer e apresentar suas origens são silenciados.

É importante enfatizar que o acesso e a permanência são fatores essenciais na garantia do direito à educação. Se por um lado o ingresso avançou, se caracterizando por uma política pública consolidada, por outro, caminha a passos lentos, na garantia de condições de permanência dos estudantes.

Uma discussão recente, a de oferta gratuita de absorventes a estudantes de baixa renda, mostra o quanto é necessário progredir nas garantias de permanência das estudantes. A garantia de oferta de um item básico para a saúde menstrual, mostra o quanto milhares de jovens, no passado, se sentiram afetadas nas semanas de provas, pela falta do absorvente.

Apesar desta lei ter sido debatida e votada pelo Congresso Nacional,



não foi nele que ela se iniciou. Temas como racismo, intolerância religiosa, LGBTfobia, culturas africanas e afro-brasileiras, entre outros, são iniciadas e, em muitos casos silenciadas, nas salas de aulas, nos espaços de convivência, nos auditórios das escolas.

As metodologias empregadas em escolas, seja pela direção ou professores, influenciam significativa como essas problemáticas são debatidas ou ocultadas, a depender da situação, provocando a evasão de estudantes que não se sentem acolhidos, em um espaço que deveria ser saudável e inclusivo, independente de suas crenças ou manifestações culturais.

Para Canen, Monteiro e Fontoura (2014), o multiculturalismo em educação concebe a diversidade e a diferença, como espaços educacionais que se incorporam aos processos de ensino-aprendizagem. Cabendo ao professor compreender a diversidade cultural como um lugar plural, em ideias, opiniões, reflexões, culturas e metodologias.

Gutiérrez et. al (2017) afirmam que Fanon argumentou que a decolonização é uma forma de aprender e desaprender, e que todos nós estamos envolvidos nisso. Ter uma educação descolonizada, não significa homogeneizar o conhecimento, como tornar a cultura afro-brasileira como único tema de debate, é incluí-la nele, garantido assim o multiculturalismo para que cada indivíduo se sinta representado e perceba a existência do outro com respeito e empatia.

Bondía (2002, p.20) afirmava que:

se pensa a educação do ponto de vista da relação entre a ciência e a técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática. Se o par ciência/técnica remete a uma perspectiva positiva e retificadora, o par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política e crítica. De fato, somente nesta última perspectiva tem sentido a palavra “reflexão” e expressões como “reflexão crítica”, “reflexão sobre prática ou não prática”, “reflexão emancipadora”.

Assim o processo de ensino e aprendizagem requer práticas emancipadoras e reflexivas, na qual o estudante se apropria de sua história e



se torna protagonista na construção do conhecimento, buscando diferentes perspectivas para seus questionamentos. Gutiérrez et al. (2017, p. 63) afirmam que "a pedagogia crítica é uma pedagogia que parte do indivíduo [...]".

Trata-se de um processo metodológico que provoca, inquieta, transforma, reestrutura, diverge e questiona teorias e práticas, antes não problematizadas. Gutiérrez et.al (2017) aponta Metodologias analíticas e psíquicas, que abrem caminhos, transferem, interrompem, deslocam e investem em práticas e em conceitos herdados, que convocam saberes subalternos para desestabilizar práticas existentes.

São ações que tornam o processo de educação formal, um ato de humanização, que traz o estudante para o centro do diálogo, para que o próprio aluno se torne fonte de histórias emancipadoras, resistentes, inspiradoras, dando luz ao processo de reflexão crítica.

Entre as metodologias utilizadas, uma delas nos chama a atenção, o recorte de pequenos trechos de uma entrevista com Izabel dos Santos (2002), que destacava as práticas metodológicas de uma enfermeira negra. Ela foi pioneira na luta pela educação profissional em saúde, defendendo o ensino- aprendizagem que partisse do processo real de trabalho do aluno, como prática que já eram realizadas por ela, desde a década de 90.

O uso de recorte de partes do texto permitiu, mesmo sem a leitura integral, a compreensão das práticas e das metodologias utilizadas por Santos, a fim de ampliar os olhares para a imersão na formação de enfermeiras através da prática.

Um trecho de sua entrevista Izabel dos Santos faz a seguinte afirmação: "Eu continuei trabalhando, sabendo que tinha que derrubar vários paradigmas. Eu queria criar uma escola-função que fosse para onde o aluno estivesse e não uma escola-endereço em que o aluno tivesse que se deslocar." (Santos, 2007, p. 85). A fala de Santos traz uma realidade na inovação nas práticas metodológicas e quebra de paradigmas.



Se por um lado é difícil a aceitação de metodologias que não concorde com alunos sentados em silêncio, levar uma turma de mais de 30 estudantes a um terreiro de candomblé com o objetivo de ministrar uma disciplina de mestrado, causou estranheza em vizinhos do terreiro, motoristas de aplicativos que levaram estudantes até o espaço, colegas do programa e até os professores, ao se questionarem o que estudantes de um mestrado acadêmico fariam em um terreiro de candomblé.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uso de gincana, atividades com a comunidade, roda de conversa, seminários, palestras com gestores de escolas, visita ao xambá, imersão nas escolas, visita ao teatro, oficina de dança, de percussão, o canto na sala de aula, uso de letras de músicas, entrevistas com estudantes, atividade com o livro de Izabel dos Santos, troca de-mails, grupo no *whatsapp*, produção de vídeos para apresentação, *collabits*, uso do drive do gmail, formulário diagnóstico, leitura de textos em PDF, trabalho em grupo, atividades individuais, produção de texto, teatro de mamulengos, lanches, almoços colaborativos, reunião no *meet*, *google does*, *excel*, dormidas compartilhadas e palestra com a astróloga Ângela Braine.

As metodologias utilizadas responderam ao questionamento deste trabalho, as diversas vivências dentro de um espaço negligenciado pela sociedade em diversos aspectos, demonstra o pluralismo cultural e a riqueza metodológica capaz de provocar reflexões sobre os modelos de ensino e de aprendizagem.

As atividades desenvolvidas no terreiro de candomblé mostram o quanto a imersão proposta, enriquece as experiências e proporcionam espaços de escuta, de questionamentos, de mudanças, de perspectivas, de representatividade que influencia no que se aprende e como essa aprendizagem gera resultado na sua replicação.



CASTRO, Lima Janete; SANTANA, José Paranaguá; NOGUEIRA, Roberto Passoa. (2002). **Izabel dos Santos**: a arte e a paixão de aprender fazendo. Natal: Observatório RH NESC/UFRN.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19.

CANEN, Ana; MONTEIRO, Filomena M. de Arruda; FONTOURA, Helena Amaral. Ressignificando práticas de ensino e de formação docente: contribuições de narrativas, diálogos e conferências. **R. Educ. Públ.** Cuiabá, v. 23, n. 53/2, p. 637-654, maio/ago. 2014.

CASTRO, Lima Janete; SANTANA, José Paranaguá; NOGUEIRA, Roberto Passoa. **Izabel dos Santos**: a arte e a paixão de aprender fazendo. Natal: Observatório RH NESC/UFRN, 2002.

GUTIÉRREZ, Tatiana A. et al. (ed.). **Convergências e divergências: rumo à educação e ao desenvolvimento "outros"**. Bogotá: Corporação Universitária Minuto de Dios - **UNIMINUTO**. Centro de Educação para o Desenvolvimento (CED), 2017.

SANTOS, Izabel dos. **Izabel dos Santos**: fazendo história na história da enfermagem brasileira. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 41, p. 853- 858, 2007.

TRAXLER, John. **Descolonizando a Tecnologia Educacional**. Cátedra UNESCO, 2022.